

Abriram-se as cortinas: um corpo velho que se põe a dançar

Amanda Khalil Suleiman Zucco
Universidade de Caxias do Sul
amandaszucco@gmail.com

A velhice reflete a noção de corpo que o considera um espaço material correspondente ao objetivo de fazer e produzir para o viver do sujeito. Portanto, percebem-se modos de tornar a velhice desassistida. Contudo, a velhice se constitui no curso da vida humana a partir do sujeito corporal que se oferece plenamente ao mundo. Nessa direção, reconhecemos a representação negativa que torna a velhice desassistida, isto é, desconsidera-se o sujeito velho a partir de uma concepção unicamente material do corpo. Uma vez posicionado o ponto de discussão, nos lançamos em direção ao seguinte horizonte: discutir a noção de corpo carne em Merleau-Ponty afim de investigar a dança como uma possibilidade criadora de outros sentidos na velhice.

Palavras-chave: velhice, corpo, Merleau-Ponty, dança.

Introdução

O cenário social manifesta proeminente o fenômeno mundial da velhice. Podemos perceber que não é de hoje que as pessoas estão vivendo mais, visto que, o processo de envelhecimento humano vem significativamente crescendo e provocando a longevidade da sociedade. O aumento mais elevado da população idosa é resultado de suas mais altas taxas de crescimento, em face da alta fecundidade prevalecente no passado comparativamente à atual e à redução da mortalidade¹. As projeções apresentadas identificam que a população brasileira inicia um processo de transição demográfica. Isto é, no contexto atual, estamos com quase 20 milhões da população de 65 anos e mais, vamos chegar até 35 milhões em 2100; projeta-se assim, que até o final deste século vai multiplicar por 7 o tamanho da população de 80 anos e mais, passando de mais ou menos 4 milhões a 28 milhões². Assim, conseqüentemente, o autor destaca o aumento significativo da proporção desta população de idade mais avançada. Dado o fato da diminuição da população e o alargamento do envelhecimento em favor de uma perspectiva ascendente da vida, a velhice é uma realidade social.

Nesta linha, o envelhecimento destaca-se de maneira proeminente em nossa sociedade, sendo muitas vezes reconhecido basicamente pela passagem dos anos e o aumento da idade cronológica. Frente à isso, o envelhecimento destaca-se como um processo irreversível, natural e individual, que vem acompanhado por perdas progressivas de função e de papéis sociais, um processo único que

¹ Camarano, Ana Amélia. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. Rio de Janeiro, 2002.

² Saad, Paulo. Desafios de Envelhecer no século XXI e as Políticas Públicas, 2019, p. 25-49.

depende de capacidades básicas, adquiridas e do meio ambiente³. Sob este aspecto, anuncia-se que o envelhecimento é constituído por um processo da vida, conceito que atualmente é apresentado pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBBG) como:

um processo natural da vida e acarreta algumas alterações intrínsecas para o organismo. Essas mudanças são decorrentes de processos fisiológicos e não representam doenças. As principais características do envelhecimento nos seres humanos são o embranquecimento dos cabelos, a perda de elasticidade da pele, o surgimento de rugas, alterações na memória recente, na audição e na constituição dos músculos, com aumento da gordura corpórea e redução do tecido muscular.⁴

Diante de tal concepção acerca do envelhecimento, é notável que a velhice esteja diretamente vinculada à concepção de declínio do corpo. O que significa dizer que o corpo é visto principalmente como material de instrumentalidade do indivíduo. Em outras palavras, o sujeito é principalmente reconhecido pela ausência de suas capacidades, pela não presença de um corpo belo, jovem e útil como antes já fora, e com isso, está de certo modo desassistido pela sociedade. Ao encontro dessa visão, a velhice reflete a noção de corpo que o considera um espaço material correspondente ao objetivo de fazer e produzir para o viver do sujeito. Portanto, procuram-se modos de tornar a velhice desassistida, mostrando-se em corpos inadequados.

Contudo, a velhice se constitui no curso da vida humana a partir do sujeito corporal que se oferece plenamente ao mundo. Isso justamente porque “Viver e envelhecer envolve a pessoa como um todo”⁵. Ora, o corpo – nas suas as dimensões biológicas, sociais, subjetivas – é o que predispõe o indivíduo em contato com o mundo, e, ao mesmo tempo possibilita continuar tecendo outros movimentos e experiências de sentido. Nessa direção, reconhecemos a representação negativa que torna a velhice desassistida, isto é, desconsidera o sujeito velho a partir de uma concepção unicamente material do corpo. Uma vez posicionado o ponto de discussão, nos lançamos em direção ao seguinte horizonte: discutir a noção de corpo carne em Merleau-Ponty afim de investigar a dança como uma possibilidade criadora de outros sentidos na velhice.

Em busca da visibilidade do sujeito corporal na velhice: a saída das coxias para a boca de cena

A velhice presume uma compreensão negativa do ser humano. Mesmo diante da possibilidade da vida, ainda hoje, atribuímos aspectos negativos ao envelhecimento. Na Antiguidade,

³ Camarano, Ana Amélia; Kansa, Solange. Envelhecimento da População Brasileira: uma contribuição demográfica, 2016, p. 107-113.

⁴ Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 2018, p.6. Disponível em: <https://sbbg.org.br/>.

⁵ Doll, Johannes; Oliveira, Jose Francisco Pereira de; SÁ, Jeanete Liasch Martins de; Herédia, Vania Beatriz M. Multidimensionalidade do Envelhecimento e Interdisciplinaridade, 2016, p.107.

a compreensão dita pelo filósofo Marco Túlio Cícero, na obra *Saber envelhecer e a amizade*, provoca a reflexão da velhice no que diz respeito a sua reprovação propondo quatro possíveis motivos: “1) Ela nos faz afastar da vida ativa. 2) Ela enfraqueceria nosso corpo. 3) Ela nos privaria dos melhores prazeres. 4) Ela nos aproxima da morte”⁶. Apesar de destacar as razões que reprovam a velhice, Marco Túlio tece seus argumentos que descrevem a arte de envelhecer como uma virtude. No entanto, sabemos que ao longo da história, a sociedade passou por muitos outros contextos que criaram diferentes compreensões acerca da velhice. Assim, o contexto social que vivemos preserva uma cultura de desvalorização da velhice acentuada pela referência a um modelo de juventude.

Podemos dizer que o olhar contemporâneo ainda através resquícios dos quais não assiste a velhice com “bons olhos”. Debert reconhece já no século XIX que os velhos eram considerados como mendigos, justamente pela dificuldade em trabalhar, e portanto, devido a sua incapacidade de produzir, a velhice não era vista com bons olhos⁷. Não podemos dizer o contrário: ainda hoje, a sociedade dita modos de ser reconhecido, julgando o envelhecimento somente como um processo de deterioração do corpo, e incapacitado para produzir como um corpo jovem. Consequentemente, devido a essa construção social, preocupada com a produção em massa e a força física necessária ao trabalho, o sujeito vai cada vez tornando-se invisível pelos espaços sociais. Desse modo, segundo a autora, é “esse movimento que marca as sociedades modernas, onde, a partir da segunda metade do século XIX a velhice é tratada como uma etapa da vida caracterizada pela decadência física e ausência de papéis sociais”⁸. Portanto, há na contemporaneidade diversos motivos para que essa perspectiva continue presente. Por um lado, o sujeito vive a experiência da velhice, distanciando a cada dia de sua imagem jovem. Por outro lado, seguindo esta direção, o sujeito velho não corresponde às exigências dos papéis e consequentemente, sua presença não é bem-vinda nos espaços sociais.

De maneira indireta, o ser humano não quer envelhecer, ou melhor, não quer se ver e se dizer velho. O mercado da medicina antienvelhecimento oferece-lhe meios para não permitir o processo degenerativo do organismo. Porém, não é suficiente, pois o objetivo da medicina antienvelhecimento reduz o envelhecimento uma questão fisiológica, ou seja, desconsidera-o como saber científico constituído pelas ciências do envelhecimento – formadas pela geriatria e gerontologia – quando é tratado especificamente como um problema biológico⁹.

No entanto, o sujeito também não deseja morrer prematuramente. Porém, ao mesmo tempo em que a sociedade passou a viver mais, ganhando mais tempo de vida, o que parece é que a existência

⁶ Cícero, Marco Túlio. *Saber envelhecer e a amizade*, Porto Alegre, 2002, p. 16-17.

⁷ Debert, Guíta Grin. *Velhice e sociedade*, Campinas, 1999.

⁸ Debert, Guíta Grin. *Velhice e sociedade*. Campinas: Papirus, 1999, p. 14.

⁹ Leitão, Antônio Nogueira; Pedro, Rosa Maria Leite Ribeiro. *Medicina antienvelhecimento: notas sobre uma controvérsia sociotécnica*, Rio de Janeiro, 2014.

improdutiva passa a ser facilmente descartável, como um corpo-lixo que precisa ser retirado do contexto social modernizado que sugere uma imagem social limpa, bela e produtiva. Conforme o legado histórico-social produtivista que constitui o ser humano, a velhice nos apresenta uma face desassistida da sociedade, justamente porque o sujeito aduz improdutividade e portanto, pode ser facilmente descartado.

Contudo, o que pulsa em nosso solo contemporâneo é uma velhice desassistida: apaga-se qualquer sinal, marca ou evidência que a pele coloque em cena um corpo velho, e ao mesmo tempo, nega-se as possibilidades da velhice vista sob a égide de um corpo incapaz de produzir aquilo que sua juventude lhe possibilitava. Nessa direção, a velhice nos remete a sujeitos que vivem como quem já viveu tudo o que a vida podia lhe oferecer. Assim, entende-se que o corpo velho já não está mais apto à outras vivências, pois seu corpo não pode lhe oferecer as mesmas características associadas a juventude.

A velhice desassistida: ensaiando passos em direção à saída da invisibilidade do corpo

“O que significa “desfavorável”? Não há progresso ou regressão, a não ser em relação a um objetivo visado.”¹⁰

Tendo presente nossa sociedade capitalista, que determina um sistema que tem por sua estrutura o fazer humano para suprir as exigências do mercado, o corpo é tido como ferramenta de produção. Com isso, a perspectiva direcionada à sociedade é de que a velhice é fundamentalmente, concebida como uma “fase da vida”. O aspecto idealizado pelo sistema capitalista considera e valoriza a produção do sujeito em virtude de sua utilidade. Nesse sentido, percebe-se que o viés utilitário toma lugar de maior destaque na existência humana, sendo a velhice – sob a perspectiva de sua impossibilidade produtiva – uma fase da vida que representa uma face oculta na sociedade. Acaba que, oculta-se o velho na sociedade que está preocupada com sua própria produção. Em outras palavras, projeta-se a velhice como uma fase improdutiva, suscetível e com maiores chances no desenvolvimento de doenças, problemas físicos, e/ou cognitivos, e por isso, rejeitada na condição humana.

Neste cenário, torna-se mais quisto pela sociedade a possibilidade de poder continuar sentindo-se útil e lembrado, do que de fato, assumir uma velhice que se desliga do mercado de trabalho, tornando-se, desassistida, e que portanto, parece viver a antecipação da morte. Com isso,

¹⁰ Beauvoir, Simone de. A velhice. Rio de Janeiro, 2018, p.15.

repele-se a velhice de uma sociedade preocupada com o trabalho; repele-se a velhice com a produção de procedimentos estéticos que possa retardar o envelhecimento. Pois, diante da sociedade ocidental, moderna e capitalista como a nossa, que supervaloriza a jovialidade, o corpo produtivo e a beleza, a velhice será evitada, seja por meio das tecnologias médico-farmacológicas, seja por meio de tecnologias sociais que visam normatizar o corpo velho¹¹. Ou seja, a velhice é desprezada pelos sujeitos velhos e por aqueles que estão envelhecendo, para que estes possam ter sua imagem aceita pelo espelho da sociedade.

De igual modo, reconhece-se que a velhice apresenta maiores condições de que o corpo seja descartado justamente pela dimensão biológica do qual o coloca à disposição da vida. A propósito disso, o corpo velho está facilmente suscetível por sua fragilidade a ser dirimido. O sujeito velho é chamado a confrontar a desqualificação do corpo envelhecido, marcado, no social, pelos estigmas de decadência, feiura e aproximação da morte¹². Assim, abstém-se ao sujeito a experiência singular da velhice, de modo que o sujeito possa ser reconhecido por outras dimensões que formam. Nessa direção,

Viver e envelhecer envolve a pessoa como um todo. O ser humano, por exemplo, não pode ser pensado fora da sua condição biológica e, de forma igual, não há como abstrair o homem da sua condição social. Fora do corpo e da comunidade humana, o homem não existe. As diferentes facetas do ser humano como os aspectos biológicos, sociais, psíquicos e espirituais, para só nomear alguns, também não existem separadamente, mas interagem, tecendo dessa forma as condições da própria vida.¹³

Desse modo, é preciso esclarecer que haja visto a diversidade do fenômeno da velhice, tendo presente os diversos aspectos socioeconômicos, emocionais, culturais, políticos, entre outros, que constituem as experiências dos sujeitos, resume-se que envelhecer se dá de muitas maneiras, em distintos cenários. Ou seja, a velhice é constituída por diferentes experiências, o que explica seu caráter heterogêneo que impossibilita a generalização. Assim, a velhice é uma experiência singular e individual do sujeito, pois na medida em que se constitui pelas experiências do corpo, é ao mesmo tempo um campo aberto para outras experiências ao sujeito corporal.

A velhice em cena: o sujeito corporal e a busca pela noção de carne

A maioria das pessoas vivem de alguma maneira temerosas sobre o que lhe reserva o seu processo de envelhecimento. A velhice não é uma surpresa desejada, um momento esperado que olha

¹¹ Ortega, Francisco. O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro, 2008.

¹² Py, Lígia. Velhice nos arredores da morte. Porto Alegre, 2004, p.44.

¹³ Doll, Johannes; Oliveira, Jose Francisco Pereira de; Sá, Jeanete Liasch Martins de; Herédia, Vania Beatriz M. Multidimensionalidade do Envelhecimento e Interdisciplinaridade, 2016, p.107.

por projetos conquistados ou façanhas almeçadas, mas se mostra no seu próprio movimento de epifania, isto é, sem sabermos ao certo como nos acontecerá. Só pode mostrar-se quando constitui-se no acontecimento inesperado da vida. Incontrolavelmente, a vida sugere que na própria constituição da existência, a velhice possa desvelar-se ao sujeito. Não sabemos como será, desconhecemos nosso processo de envelhecimento, e, de maneira misteriosa, a velhice nos convida para aprendermos a olhar para as estranhezas, a lidar com as incertezas e as indeterminações que surgem ao longo da vida.

Tratar a respeito da velhice em cena nos convida, de certo modo, a considerar a presença do outro como dimensão constituidora do sujeito. A condição vida nos mostra que primeiramente é o outro que assistimos envelhecer. Anterior a cada um de nós, é nos que vivem a vida a mais tempo, que percebemos a velhice. Quando estamos nas coxias do palco podemos olhar para aquele que se coloca em cena sem sermos vistos, e ao mesmo tempo acompanhar sua apresentação na medida em que nos atentamos para o momento do qual nós estaremos em cena. Podemos dizer: é neste mesmo lugar que podemos acompanhar o envelhecimento do outro, ao mesmo tempo que nos remetemos ao nosso. É diante do outro que conhecemos a velhice antes de nos percebermos velhos. Simone de Beauvoir, em *A velhice* (1970), já nos dizia velho é o outro, pois “Antes que se abata sobre nós, a velhice é uma coisa que concerne aos outros”¹⁴.

O outro nos interpela a perceber a própria possibilidade de envelhecer. Ao mesmo tempo, é dessa maneira que me reconheço em processo latente do viver e envelhecer. Por exemplo, não nos tornos velhos simplesmente com o diagnóstico de alguma doença, ou, devido aos sinais de alguma deficiência funcional, mas nos reconhecemos velhos a partir da relação com o outro que interfere em nosso corpo, ou melhor, na maneira como percebemos nosso corpo. Quero dizer que a velhice também mostra-se socialmente, nas relações corporais. Isto é, reconhecemo-nos a partir das relações com os demais sujeitos, que interferem no modo como nos percebemos, aquilo que veste o nosso olhar e o como se projeta no mundo a nossa maneira de olhar. Mesmo que de diferentes formas, é pelo outro que a velhice se mostra a mim. Neste contato, somos capazes de reconhecer que a velhice nos habita e tem a possibilidade de desvelar-se ao longo dos anos, como acontecimento que nos afeta diretamente por diferentes maneiras na passagem do tempo.

Nesse caminho, a velhice – que se constitui através do nosso contato com o outro no mundo – nos convida a redirecionarmos nosso olhar para a dimensão do corpo, para além de sua materialidade. De fato, reconhecer a partir do filósofo Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), o corpo

¹⁴ Beauvoir, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro, 2018, p.11.

com base na noção de carne, nos oferece caminhos meditativos para compreender que o sujeito existe na relação contínua com o mundo.

A entrada do corpo em Merleau-Ponty: o sujeito velho em foco

Merleau-Ponty teceu grandes contribuições aos estudos filosóficos, em especial, no que diz respeito ao corpo. Em sua tese, evidencia o conhecimento do corpo de maneira que o desvincula de uma análise que dispõe o homem como lugar que exclusivamente é habitado por uma razão. É num contexto de deslocamento filosófico para além do discurso da modernidade que Merleau-Ponty, dirá

A tradição cartesiana habituou-nos a desprender-nos do objeto: a atitude reflexiva purifica simultaneamente a noção comum do corpo e da alma, definindo o corpo como uma soma de partes sem interior, e a alma como um ser inteiramente presente a si mesmo, sem distância. Essas definições correlativas estabelecem a clareza em nós e fora de nós: transparência de um objeto sem dobras, transparência de um sujeito que é apenas aquilo que pensa ser. O objeto é objeto do começo ao fim, e a consciência é consciência do começo ao fim.¹⁵

É possível perceber que principalmente na tradição cartesiana, o corpo sensível é contingenciado, objetivável em detrimento da razão que deve se preocupar com o conhecimento verdadeiro. A tradição cartesiana primeiro irá desqualificar a sensibilidade como via de conhecimento (sensação); em seu desdobramento acentua-se a desqualificação aos afetos e emoções. Dessa forma, cabe esclarecer que observa-se essa concepção para analisar a presença da primazia da objetividade do corpo demarcada sob anulação da sensibilidade, como determinação que constitui o ser.

Sob outra perspectiva, Merleau-Ponty anuncia que “meu corpo é também aquilo que me abre ao mundo e nele me põe em situação”¹⁶. Assim, “nosso corpo não é objeto para um “eu penso”: ele é um conjunto de significações vividas que caminha para seu equilíbrio”¹⁷. Nesse sentido, o corpo não é mais subestimado como substância instrumentalizada, mas vive alargado pela infinidade de possibilidades dadas na ação corporal.

Contudo, o corpo é um sujeito perceptível, percebendo-se nas/pelas interações consigo mesmo, com outros e com o mundo, do qual constitui-se nas/pelas relações e experiências que vive. O corpo perceptivo se dá na/pela relação existencial, ou seja, pela perspectiva pontyana que privilegia o mundo das experiências como plano primeiro do ser e do conhecimento¹⁸. Assim, inaugura-se com Merleau-Ponty, o corpo como presença perceptível no mundo, o qual possibilita emergir outras

¹⁵ Merleau-Ponty, Maurice. Fenomenologia da Percepção, São Paulo, 1999, p.268.

¹⁶ Merleau-Ponty, Maurice. Fenomenologia da Percepção, São Paulo, 1999, p. 228.

¹⁷ Merleau-Ponty, Maurice. Fenomenologia da Percepção, São Paulo, 1999, p. 212.

¹⁸ Nóbrega, Terezinha Petrucia da. Uma Fenomenologia do Corpo, São Paulo, 2010.

experiências, e, ao mesmo tempo, enaltesse o conhecimento do/pelo corpo entrelaçado ao mundo sensível.

Nesse acento que torna o corpo constituído pelas relações com o mundo, a noção de carne para o filósofo oferece como entendimento a imbricação do corpo no mundo que está diretamente pressuposta na mediação do corpo como ser-no-mundo. “Isso quer dizer que meu corpo é feito da mesma carne que um mundo (é um percebido) e que para mais essa carne de meu corpo é participada pelo mundo, ele a reflete, ambos de imbricam mutuamente”¹⁹.

Definitivamente, o sujeito corporal é constituído nas relações com o mundo. Da mesma forma a velhice. Ambos são, com base na noção de carne, a vida do corpo sendo “determinada pela condição de ser inerente ao mundo como seu ambiente permanente”²⁰. Com isso, a noção de carne torna o corpo diretamente vinculado ao mundo, de modo que o possibilita tecer sua corporeidade conectada entre fios intencionais de experiência sensível e motora. Portanto, “Falar de carne é apelar para compreensão de que nosso corpo é radicalmente “ser-no-mundo” pela experiência sensível e motora. É por essa razão que nosso corpo produz o tempo todo instrumentos de observação e de ação”²¹.

Nessa direção, a dança constitui-se num horizonte de fios intencionais que formam experiências ordem sensível-motora ao sujeito na velhice. Como extensão aberta ao mundo, a partir do gesto dançado criam-se possibilidades de estabelecer outros sentidos, expressividade, outros fluxos de energia, bem como acolhe-se outros modos de ser do corpo.

As lentes de contato: o corpo e a velhice na dança

Se nos referirmos à dança no contexto artístico, provavelmente não será a imagem de um corpo velho que nossa imaginação visualizará no palco. Podemos dizer que “Os usos da imagem da dança que quase sempre é da dançarina, em algumas citações de filosofia, já traduzem a complexidade dessa relação com o corpo”²². As imagens da dança voltam-se imediatamente para uma compreensão que descreve a leveza de uma dançarina, como destacado por Valéry, em *A alma e a dança*. Discutindo a dança no diálogo com Erixímaco e Fedro, Sócrates remete-se a personagem Athiktê, e questiona-se: “Pergunto-me como a natureza soube esconder nessa menina tão frágil e tão fina um tal monstro de força e prontidão”²³. Nessa direção, as imagens da dança voltam-se para uma representação de corpo já reconhecido em nosso contexto. “A dançarina faz alguns passos sobre as pontas dos pés, se atira, rodopia e estimula assim o espírito do filósofo em sua suposta elevação; eis aí o que poderia ser uma

¹⁹ Merleau-Ponty, Maurice. *O Visível e o Invisível*. São Paulo, 2014, p.227.

²⁰ Caminha, Iraquitan de Oliveira. *A estesiologia da carne e suas consequências filosóficas*, São Paulo, 2018, p.51.

²¹ Caminha, Iraquitan de Oliveira. *A estesiologia da carne e suas consequências filosóficas*, São Paulo, 2018, p.53.

²² Bardet, Marie. *A filosofia da dança*, São Paulo, 2014, p.24.

²³ Valéry, Paul. *A alma e a dança e outros diálogos*, Rio de Janeiro, 2005, p. 36.

imagem recorrente da aparição da dançarina na filosofia ocidental.”²⁴ Nessa perspectiva, a dança está diretamente veiculada a corpos que apresentem uma capacidade física desejável, que viabilize a realização de movimentos e estruturas coreográficas complexas. Assim, o que evidencia-se nessa relação propriamente dita, entre dança e corpo, constitui-se uma imagem da dança criada por um determinado estereótipo da dançarina, que poderia ser além de leve, considerada jovem.

Este universo não se apresenta como um espaço reconhecido para sujeitos velhos. E talvez, realmente não seja mesmo, tendo em vista que são outros corpos na velhice. Essa imagem da dança – que ao longo de diferentes contextos históricos e culturais vem se transformando – nos permite dizer que a velhice enquanto corpo latente de experiências, escapa às imagens já construídas. Por dois motivos imbricados um ao outro: porque o corpo velho é constituído pelas experiências nas diferentes relações com o mundo, e, ao mesmo tempo, pois o corpo experiente torna-se capaz de emergir sensivelmente outras formas de se relacionar com o mundo. De fato, vive-se a dança a partir do corpo e suas experiências atreladas e tomadas pelo mundo. Nessa direção, articulado pela dança, o corpo persegue a possibilidade de ser invadido. É assim que a dança solicita abertura do corpo para si e ao espaço, para que nesse “terreno comum”²⁵, possa produzir o fluxo do movimento. Assim, “O corpo tem de abrir ao espaço, tem de se tornar de certo modo espaço e o espaço exterior tem de adquirir uma textura semelhante à do corpo a fim de os gestos fluam tão facilmente como o movimento se propaga através dos músculos.”²⁶

Portanto, diante dessa abertura do corpo, vem à tona as possibilidades de se pensar, criar e inspirar outros modos de dançar e assim, constituir meios da dança fomentar espaços de experiências motoras e sensíveis para a velhice. Não significa que a expressão do corpo, em suas manifestações habituais, não o possibilite exprimir sentidos. Até porque “O corpo comum exprime um sentido, embora não por meio de uma linguagem”²⁷. O que significa dizer é que a dança, como outro modo de dizer, criar, pensar, sentir, ordenar, articular, elaborar, experienciar possibilita transformar e inscrever outros sentidos ao sujeito na velhice.

Logo, é nessa direção que o sujeito velho se mostra um corpo capaz de dançar de outros modos. Dançar de outros modos significa dizer que além de desvincular-se de projetos que instauram movimentos desejáveis, o corpo possibilita mover-se a partir das relações que estabeleceu e o constituiu no mundo. Há de se provocar outros espaços vazios dançantes para que as velhices possam ser assistidas: pesquisando seus corpos, as experiências que habitam sua pele, expressando e

²⁴ Bardet, Marie. A filosofia da dança. São Paulo, 2014, p.24-25.

²⁵ Expressão pontyana, presente na obra Fenomenologia da Percepção, 1999, p.474.

²⁶ Gil, José. Movimento Total: o corpo e a dança, São Paulo, 2013, p.48.

²⁷ Gil, José. Movimento Total: o corpo e a dança, São Paulo, 2013, p.69.

ANAIS do COLÓQUIO INTERNACIONAL ESTÉTICA E EXISTÊNCIA
Ano 5 – 3ª Edição

provocando outros sentidos com seus gestos, percebendo-se em movimento alicerçados de seus modos de sentir a si, sentindo-se no e com o mundo.

Referências

- BARDET, Marie. **A filosofia da dança**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- DEBERT, Guita Grin. **Velhice e sociedade**. Campinas: Papirus, 1999.
- CAMARANO, Ana Amélia. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. **Texto para Discussão** n° 858, IPEA. Rio de Janeiro, 2002.
- CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. Envelhecimento da População Brasileira: uma contribuição demográfica. In: Elizabete Viana de Freitas; Ligia Py; Milton Luiz Gorzoni; Johannes Doll; Flávio Aluizio Xavier Cançado. (Org.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016, p. 107-113.
- CAMINHA, Iraquitana de Oliveira. A estesiologia da carne e suas consequências filosóficas. In: **Estesia: corpo, fenomenologia e movimento**. Terezinha Petrucia da Nóbrega (org.). São Paulo: liberArs, 2018.
- CÍCERO, Marco Túlio. Saber envelhecer e a amizade. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- DOLL, J.; OLIVEIRA, J. F. P. de; SÁ, J. L. M. de; HERÉDIA, V. B. M. Multidimensionalidade do Envelhecimento e Interdisciplinaridade. In: Elizabete Viana de Freitas; Ligia Py; Milton Luiz Gorzoni; Johannes Doll; Flávio Aluizio Xavier Cançado. (Org.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016, p. 107-113.
- GIL, José. **Movimento Total: o corpo e a dança**. São Paulo: iluminuras, 2013.
- LEITÃO, Antônio Nogueira; PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro. Medicina antienvelhecimento: notas sobre uma controvérsia sociotécnica. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos** [online]. Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, 2014, p. 1361-1378. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702014005000021>. Acesso em: 05 de agosto de 2021.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. **O visível e o invisível**. Trad. José Artur Gianotti e Amando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Uma Fenomenologia do Corpo**. São Paulo: Editora Livraria da física, 2010.
- ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2008.
- PY, Ligia. **Velhice nos arredores da morte**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- SAAD, Paulo. Desafios de Envelhecer no século XXI e as Políticas Públicas. In: Conferência Estadual da Pessoa Idosa. **Anais eletrônicos**. Porto Alegre, 2019, p. 25-49. Disponível em: <https://sjcdh.rs.gov.br/conselho-estadual-da-pessoa-idosa>. Acesso em: 30 de julho de 2021.
- VALÉRY, Paul. **A alma e a dança e outros diálogos**. Rio de Janeiro: Imago, 2005.